

Paulo Estudante

Professor Auxiliar Convidado do Departamento de História, Arqueologia e Artes
– UC

Professor Auxiliar Convidado do Departamento de Música - Escola das Artes -
Universidade Católica Portuguesa

PARA UM MAIOR PROTAGONISMO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA PERANTE O SEU PATRIMÓNIO MUSICAL

Breve narrativa da construção de um espólio único

Em 1836, dois anos após a extinção das ordens religiosas, a casa da livraria da Universidade de Coimbra recebe o depósito (parcial) de alguns dos antigos colégios universitários assim como de maior parte das instituições eclesiásticas da cidade. Entre estas últimas encontram-se algumas fontes provenientes da Catedral da cidade mas acolhe-se sobretudo um número muito significativo de manuscritos e impressos musicais que outrora pertenceram à biblioteca do Mosteiro de Santa Cruz. É esta a pedra angular para, sob os auspícios da Universidade de Coimbra, se reunir aquele que é hoje **seguramente um dos fundos musicais mais consequentes da Europa**.

Graças à acção da associação cultural *Polyphonia*, nomeadamente na figura do seu presidente, Mário de Sampayo Ribeiro, as décadas de 50/60 do século XX trazem um outro importante contributo para a construção do património musical da Universidade. Sampayo Ribeiro, pioneiro da Musicologia nacional, localiza vários manuscritos musicais que em tempos foram forjados pela actividade musical do Mosteiro de Santa Cruz. Com o apoio financeiro das Cerâmicas *Alleluia* de Aveiro, o musicólogo consegue adquirir esses manuscritos espalhados por colecções privadas e doá-los à Biblioteca Geral.

Entre os muitos manuscritos assim integrados na Biblioteca Geral encontram-se alguns dos mais pertinentes para a História da Música de Coimbra e nacional. Considere-se, a título de exemplo, o conjunto de dezanove

manuscritos, os *Catarpácios*, preenchidos com centenas de obras, em grande parte ainda por estudar mas absolutamente fundamentais para a compreensão do nosso século XVII e proeminência do Barroco musical nacional no contexto europeu.

O século XX corresponde igualmente à incorporação no fundo musical da BGUC, por aquisição ou doação, de importantes espólios privados. O primeiro entre eles, uma doação de 1942 pelos filhos do proprietário, pertenceu a Francisco Lopes Lima de Macedo Júnior (c1859-1939). Personagem intimamente ligado a Coimbra, lente de música no Liceu José Falcão e organista da Capela de S. Miguel, o seu espólio enriquece a Biblioteca com um património excepcional relativo à vida musical da cidade, em particular da Universidade, durante o século XIX e início do XX.

No que diz respeito ao espólio privado de Manuel Joaquim, investigador de primeira linha, a Universidade de Coimbra mostra grande clarividência ao decidir-se pela compra em 1994. Quando este acervo for finalmente catalogado, ficará acessível à comunidade científica a correspondência assim como as notas pessoais das muitas investigações deste pioneiro, a maioria delas inéditas, e todas da maior relevância. Mais, quis o acaso que a aquisição deste acervo permitisse enriquecer um pouco mais o fundo musical proveniente do Mosteiro de Santa Cruz com a entrada de uma importante fonte manuscrita do século XVII (Ms. MJ1), a qual estaria na posse de Manuel Joaquim pelo menos desde 1938.

Os restantes espólios privados, o do compositor Manuel Faria (doador pela família em 1983) e da musicóloga Maria Augusta Alves Barbosa (doador pela própria em 1998), fecham esta breve retrospectiva da constituição do acervo musical à guarda da Universidade de Coimbra. O espólio de Manuel Faria corresponde às fontes manuscritas para grande parte da produção musical do compositor minhoto. A docente da Faculdade de Letras, Maria Augusta Alves Barbosa, lega à Universidade uma significativa coleção de fontes secundárias, numerosos microfiches de fontes primárias (algumas delas hoje de acesso difícil) e os resultados das suas investigações, nomeadamente em torno da figura do nosso compositor e teórico quinhentista Vicente Lusitano († depois 1561). Uma última nota para recordar a recente incorporação dos nove

volumes manuscritos até agora conservados no Museu Machado de Castro e na Capela da Universidade.

Em suma, este extraordinário acervo musical de que a Universidade de Coimbra é hoje guardiã apresenta-se como verdadeiramente ímpar nos panoramas nacional, ibérico ou mesmo europeu. Contém seguramente um dos primeiros repositórios de música impressa dos séculos XVI e XVII na Península Ibérica e um dos mais significativos da Europa (apenas a título de exemplo, o Arquivo da Catedral de Valladolid guarda, em Espanha, o maior número de livros de coro de polifonia impressos dos séculos XVI e XVII com 7 exemplares; a isto Universidade de Coimbra contrapõe o impressionante número de 26 livros de coro. Ver abaixo tabelas comparativas apenas com alguns dos principais arquivos portugueses¹).

Livros de Coro de Polifonia impressos (sécs. XVI-XVII)

Arquivo da Sé de Braga	Arquivo da Sé de Évora	Biblioteca Nacional, Lisboa	Biblioteca do Palácio Ducal, Vila Viçosa	Universidade de Coimbra
2	7	5	6	26

Impressos de Polifonia de autores portugueses (sécs. XVI-XVII)

Arquivo da Sé de Braga	Arquivo da Sé de Évora	Biblioteca Nacional, Lisboa	Biblioteca do Palácio Ducal, Vila Viçosa	Universidade de Coimbra
2	4	3	2	14²

Coimbra é igualmente detentora de bem mais de 2000 manuscritos musicais anteriores ao século XX onde encontramos não só obras únicas de compositores do Norte da Europa, espanhóis e portugueses mas também um

¹ Gostaria de expressar o meu agradecimento ao Doutor José Abreu por ter generosamente partilhado comigo muita da informação reunida nestas tabelas.

² Das 18 colecções de música polifónica de autores portugueses impressas nos séculos XVI e XVII hoje identificadas, a **Universidade de Coimbra conserva 14**.

património fundamental para a compreensão do papel da Música na Universidade e na cidade de Coimbra ao longo dos tempos.

Mas talvez o elemento mais extraordinário do acervo musical conservado na Biblioteca Geral seja a sua coerência ao ter um assinalável número de fontes musicais, impressas e manuscritas, provenientes de uma única instituição, o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Uma situação rara nos arquivos europeus e que permite ter uma “fotografia mais nítida” do repertório e respectiva evolução das práticas musicais de uma instituição eclesiástica europeia ao longo dos séculos XVI e XVII.

Perante a excepcional importância do acervo musical, impõe-se que a Universidade de Coimbra encontre novos caminhos para um maior protagonismo na preservação, valorização e divulgação, científica e artística, nacional e internacional, do seu património.

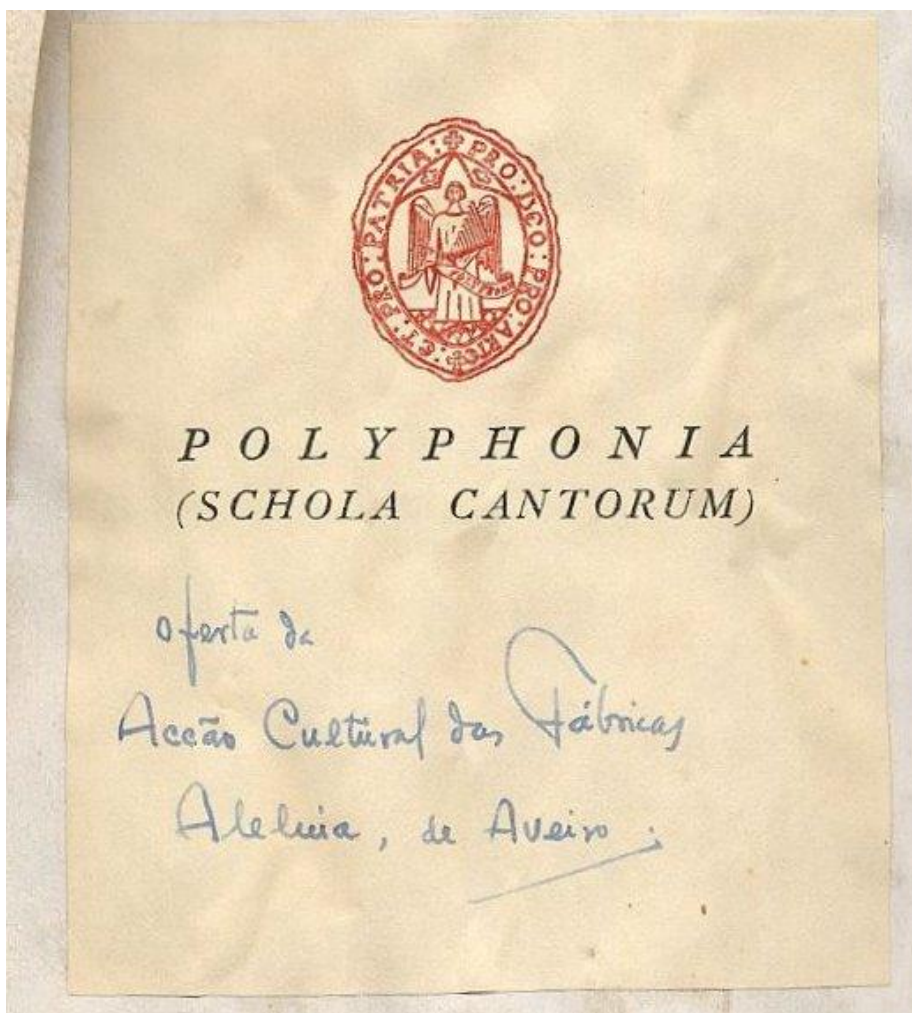
A oportunidade criada pelo debate *Reestruturação dos Saberes* agora lançado constitui um momento único para procurar esses novos caminhos. A Universidade de Coimbra, perante o seu património musical e com o seu reputado saber em áreas como a História, História Económica, Literatura, Filologia, Estudos Documentais, Tratamento automático de Informação, Engenharia do Som, etc., tem todas as condições para criar um espaço verdadeiramente ímpar na investigação e formação (nomeadamente pós-graduada) em Musicologia. É apenas necessário ancorar na Universidade competências específicas nos domínios da Música e da Musicologia.

Concomitante e alimentando a formação mais abrangente dos Estudos Artísticos, este novo espaço, **absolutamente estratégico** a nosso ver, acarretaria finalmente as competências científicas tão necessárias à Biblioteca Geral (que até hoje não conhece a mais elementar das ferramentas de trabalho – uma catalogação sistemática do fundo musical) mas, sobretudo, permitiria progressivamente que a Universidade de Coimbra, através da produção científica, edições musicais e organização de eventos artísticos fizesse finalmente jus ao seu próprio espólio musical.

Progressivamente, a capitalização dos saberes já existentes na instituição e a construção de novos em torno de um acervo musical único, iria seguramente traduzir-se num pólo de atracção transfronteiriço de um número crescente de discentes e investigadores. Para além do mero papel de guardião, a Universidade de Coimbra teria doravante uma maior proeminência perante o seu património musical com evidentes consequências na sua projecção nacional e internacional.



Fólios do Manuscrito Musical 9, meados do séc. XVI
(note-se o estado de degradação do manuscrito, em particular no fólio da direita)



Exemplo do selo da Associação *Polyphonia* presente em vários manuscritos da BGUC

49

1.º
Cant. *de la vera mirad mirad gmanese y gmanese*

2.º
C. *Quien quien va alla mirad mirad mirad mirad gmanese y gmanese*

3.º
C. *gmanese y gmanese*

4.º
C. *gmanese y gmanese*

5.º
C. *gmanese y gmanese*

6.º
C. *gmanese y gmanese*

7.º
C. *gmanese y gmanese*

8.º
C. *gmanese y gmanese*

9.º
C. *gmanese y gmanese*

10.º
C. *gmanese y gmanese*

11.º
C. *gmanese y gmanese*

12.º
C. *gmanese y gmanese*

13.º
C. *gmanese y gmanese*

14.º
C. *gmanese y gmanese*

15.º
C. *gmanese y gmanese*

16.º
C. *gmanese y gmanese*

17.º
C. *gmanese y gmanese*

18.º
C. *gmanese y gmanese*

19.º
C. *gmanese y gmanese*

20.º
C. *gmanese y gmanese*

21.º
C. *gmanese y gmanese*

22.º
C. *gmanese y gmanese*

23.º
C. *gmanese y gmanese*

24.º
C. *gmanese y gmanese*

25.º
C. *gmanese y gmanese*

26.º
C. *gmanese y gmanese*

27.º
C. *gmanese y gmanese*

28.º
C. *gmanese y gmanese*

29.º
C. *gmanese y gmanese*

30.º
C. *gmanese y gmanese*

31.º
C. *gmanese y gmanese*

32.º
C. *gmanese y gmanese*

33.º
C. *gmanese y gmanese*

34.º
C. *gmanese y gmanese*

35.º
C. *gmanese y gmanese*

36.º
C. *gmanese y gmanese*

37.º
C. *gmanese y gmanese*

38.º
C. *gmanese y gmanese*

39.º
C. *gmanese y gmanese*

40.º
C. *gmanese y gmanese*

41.º
C. *gmanese y gmanese*

42.º
C. *gmanese y gmanese*

43.º
C. *gmanese y gmanese*

44.º
C. *gmanese y gmanese*

45.º
C. *gmanese y gmanese*

46.º
C. *gmanese y gmanese*

47.º
C. *gmanese y gmanese*

48.º
C. *gmanese y gmanese*

49.º
C. *gmanese y gmanese*

Fólio de um dos 19 *Catarpácios* (MM 227) do séc. XVII
(conjunto de manuscritos em grande parte ainda por estudar)